

A festa e a ressaca

Carlos Marcelo
Da equipe do **Correio**

A festa do cinema chega ao fim com a tela em branco. A exemplo do que ocorreu no ano passado, a cerimônia de encerramento do 34º Festival de Brasília do Cinema Brasileiro não prevê a exibição de filme algum. Além da premiação dos vencedores, os convidados vão assistir apenas a um vídeo com uma espécie de colagem de imagens do que a organização considera os melhores momentos dos oito dias da mostra — registros colhidos no Hotel Nacional, Cine Brasília e Teatro Nacional, assim como cenas de filmes concorrentes.

A premiação, prevista para as 20h30 na Sala Villalobos do Teatro Nacional e sem acesso franqueado ao público, terá o apresentador do festival, ator Eduardo Conde, como mestre-de-cerimônias. Como de costume, serão anunciados os vencedores na categoria 16mm, curtas em 35mm e longas em 35mm, nesta sequência.

Na categoria mais badalada, os prêmios devem ser divididos entre três longas: *Lavoura Arcaica*, *Uma Vida em Segredo* e *O Invasor*. O mais disputado, pela excepcional qualidade dos concorrentes, é o *Candango* de melhor fotografia — à exceção do documentário *Samba Riachão*, qualquer vitória não seria injusta.

Outro troféu bem concorrido é a estatueta reservada ao melhor ator do festival. Selton Mello, Fernando Eiras, Werner Schunemann e o surpreendente Paulo Miklos, todos na cidade (o que muitas vezes faz diferença na hora da premiação), disputam o *Candango*. Já entre as atrizes parece mais fácil prever a vitória de Sabrina Greve pelo delicado desempenho em *Uma Vida em Segredo*, apesar da presença marcante — na tela e fora dela — de Simone Spoladore, a Ana de *Lavoura Arcaica*.

Entre os coadjuvantes, pelo menos uma unanimidade: a estupenda atuação de Juliana Carneiro da Cunha em *Lavoura Arcaica*. Pelo mesmo filme, Raul Cortez também tem grandes chances, além do gaúcho Sirmar Antunes (*Netto Perde Sua Alma*). Nas duas categorias principais, melhor filme e melhor diretor, a disputa parece concentrada entre *Lavoura* e *Invasor*, apesar de Suzana Amaral ser sempre um nome forte. A simpática zebra *Samba Riachão* pode conquistar um prêmio especial.

Quanto aos curtas em 35mm (excluídos os concorrentes exibidos ontem), se dependesse da reação do público, *Palace II* e *Um Pouco Mais Um Pouco Menos* ganhariam tudo. Como a voz do povo quase nunca é a voz do júri, o intimista *Françoise*, de Rafael Conde, deve ficar pelo menos com o *Candango* de

Paulo de Araújo



SIMONE SPOLADORE E SELTON MELLO DE *LAVOURA ARCAICA*: NA DISPUTA PELOS PRÊMIOS CANDANGO

melhor atriz (Débora Falabella). Na categoria, já se conhece a grande derrotada: a comissão de seleção, que incluiu *A Revolta do Videotape* em detrimento de outros curtas certamente mais condizentes com a proposta do Festival de Brasília.

A inexistência de uma forte programação paralela foi o grande defeito do festival. O seminário mais aguardado, sobre a dramaturgia do cinema latino-americano, ficou completamente esvaziado pela ausência dos convidados estrangeiros. Mesmo o *workshop* de Walter Lima Jr. não trouxe nenhuma novidade: enquanto levanta recursos para seu próximo projeto, o diretor de *A Ostra* e *o Vento* dá aulas pelo Brasil para garantir a sobrevivência.

Perdidos no saguão do hotel Nacional, os próprios participantes do festival também não puderam fazer muita coisa para justificar suas presenças, além da divulgação de seus filmes. Alguns, como o calouro Luiz Fernando Carvalho, bem que se esforçaram. Participaram dos parques seminários, esgotaram a lábia em maratonas de entrevistas, assistiram com atenção aos concorrentes. Mas não havia muito mais a fazer: nada de discussões, nada de reivindicações, muito menos manifestos, sequer um passeio pela Esplanada para um cafezinho no Ministério da Cultura.

O festival chega à 35ª edição em 2002. Trinta e cinco é a idade da razão, tempo de refletir sobre o mais importante acontecimento cultural da cidade. Quem chega aos 35 não pode viver de ressaca, à espera da próxima festa. Corre sério risco de se tornar um quarentão nostálgico e inofensivo, daqueles que enaltecem as glórias do próprio passado para esquecer que não tem a menor perspectiva de futuro.